

OK

0031245/2003



L0000031248

CARAPUÇAS.

ENM
8699
B. 11

VERSOS HUMORISTICOS

Arthur
DE A. A.

REGISTRO SETORIAL
Seção Obras Raras
N.º <u>1212</u>
Data <u>13/03/74</u>

(MARANHENSE).

Les longs ouvrages me font peur.

(Lafontaine.)

ORNA
869.97
70.994e
CAR

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

MARANHÃO:

Typ. do Paiz. Imp. M. F. V. Pires,

1871.

AO LEITOR.

BIBLIOTECA PÚBLICA

1871

Instado por alguns amigos, atrevo-me á dar publicidade á uma pequena collecção de versos humorísticos, incorrectos e sem regra de metrificacão, fiado na benevolencia dos leitores e na condescendencia dos criticos.

Deveras arrependido do meu arrojio, torna-se desairoso re-
tuar na arriscada tarefa que emprehendi, porque, compromet-
tido com a maior parte dos meus amigos á apresentar-lhes o
fructo d'algumas horas de ocio, reconheci com satisfacão que
acceitavam todos de bom grado um exemplar dos meus versos,
pelo que reitero-lhes os meus agradecimentos e a invocacão que
fiz á complacencia dos criticos.

Dirigi-me, como amigo que sou da simplicidade, á um moço
empregado no commercio, modesto e intelligente, para trans-
mittir aos leitores a sua opiniao ácerca do meu trabalho.

Dignou-se aquiescer ao meo pedido, e ora apresentou uma
carta que me dirigiu e com a leitura da qual reconhecerá o
leitor capacidade n'elle para maiores vôos, apesar de esquecido
quasi entre as quatro paredes de um escriptorio.

Novembro—1871.

A. A.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

AMIGO A. A.

Convidado por ti para emittir um juizo ácerca dos versos cuja publicação intentas, não me esquivei á esse honroso encargo unicamente por deferencia á amisade.

Tive, porém, verdadeiros escrupulos de consciencia, e salteou-me indizível temor de constituir-me pela primeira vez juiz n'um assumpto que requer conhecimentos aperfeiçoados e faculdades elevadas, das quaes eu me reconheço e confesso desprovido.

Considerarei-me intruso em dominios alheios, e portanto réo do crime de *lesa-sabedoria*; e só me abalancei, confiado na sombra protectora do anonymo, porto providencial ondê se refugiam todos os que temem as borrasças da critica.

Munido do salvo-conducto que acabo de traçar, dou começo á enunciação do meu juizo, e é escusado dizer-te que não o formularei com os preceitos e observações technicas citadas pelos oraculos da litteratúra quando pronunciam uma sentença de absolvição ou condemnatoria á qualquer escripto. Não; apenas manifestarei com imparcialidade a impressão produzida em meu espirito pelos tenros fructos de tua ainda infante imaginação.

Li-os pausadamente, e sem occultar-te incorrecções que a tua idade e exiguidade de elementos para mais, completamente justificam, descobri na essencia delles muito pronunciada filiação no genero que os Boileau, Diniz, Tolentino e Novaes tanto elevaram.

E' possível, e mesmo provavel que a profissão essencialmente positiva que abraçaste—antagonista implacavel dos vòs imaginativos—, venha cedo ou tarde atrophiar e suffocar as auspiciosas tendencias que ora revelas; mas, se acaso estas permanecerem e a tua intelligencia se fôr esclarecendo por estudos proficuos, á par da acção gradual dos annos, vaticino-te o dom de fazeres rir á meia humanidade, enquanto a outra metade te fulminará com pragas e máos olhados, quando não te mimosear com alguma sóva de pau.

Portanto acho escusada a invocação que fazes á critica, no intuito de captar-lhe a benevolencia e abrandar as iras que o teu arrojo lhe vae despertar.

A critica não é uma entidade desapiedada e feroz, armada sempre do terrivel escalpello para operar indistinctamente sobre tudo quanto não atinja ao zenith da perfeição, sem admittir circumstancias attenuantes. Não.

Ella é inexoraxel para a ignorancia pretenciosa, para o ridiculo com aspiração á sublimidade, para as gralhas litterarias, mal disfarçadas em pavões, para aquelles enfim cuja unica mira é armar á louvores, e que consideram uma preterição o não obterem fartos laureis por uma insulsa quadra, ou corriqueira prosa que publicam.

Mas para os que se apresentam e se consideram taes quaes são, como tu que publicas um livro mais para os teus amigos do que como veniaga destimida a correr mundo, e que simples amator das letras, professas um mister verdadeiramente antipoda dellas, a critica será benevola e saberá te distinguir dos muitos peccadores incontrictos em litteratura, que existêm por esse mundo velho.

Disse.

Maranhão.—Novembro, 1871.

V. C.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
MUNICIPIO DE MARANHÃO

À MINHA MÃE.

Minha lyra é invisivel; mas comtudo,
Eu fallo nos meus versos sempre della,
No meu canto mais sério e carrancudo,
No burlesco mais pobre, em tudo... em tudo
A lyra vem campar sem mais *aquella* !

Mas no emtanto parece qu'eu não tenho
A lyra de que fallam rimadores,
Pois no verso mais *chic* e mais gamenho,
No pathetico da scena sempre venho
Sem pena debiear dos meus amores !

Porém tenha ou não tenha a tal *bândurra*,
O factó é que os versinhos saem da forja
Sempre com aleijões—em viva turra;
O gremio do Parnaso assim os empurra,
E eu não posso lutar com *aquella* corja.

Se é certo que a tenho, a minha lyra
Não diz tudo o que sente este meu peito;

Carlos Rodrigues
5-1-1903

Não julga, minha mãe, qu'isto é mentira,
 Eu, que tolo não sou, bem preferira
 Outra vida á que passo tão sem jeito....

Muito embora eu padeça e me pranteie,
 Eu viva, muito embora, em magua immerso,
 Não é razão p'ra que não te galanteie,
 Pois, minha boa mãe, eu bem que sei
 Que o que só conto á ti, não digo em verso!
 Novembro—1874.

ESTADO DO MARANHÃO

LAMENTAÇÕES.

PARÓDIA Á—JUDIA—DE THOMAZ RIBEIRO.

Eram quatro da tarde, o *Anil* estava quieto,
 A viração subtil, silenciosa a brisa;
 Só eu admirava d'aquella tarde o aspecto
 No *Caes da Sagração*, em mangas de camisa.

Tardo rumor longinquo; ao largo uma canôa...
 Ao leme estava um homem de calças côr de ganga...
 Que quadro tão poetico! a pôpa! a vela! a prôa!
 Que meigos sons traziam os ventos do *Bacanga!*

Oh! tardes maranhenses! oh! tardes de poesia!
 Que auras cheias de aroma!... (na praia não o ha! ..)

BIBLIOTECA PUBLICA
do

ESTADO DO MARANHÃO

Terra de moças lindas, suavissima harmonia,
Os dotes que possues a natureza os dá...

Se o pobre parodista ousasse... (e é debique?...)
Ter um desejo, um só, diria o coração:—
«Concluam-se com pressa as taes obras do *dique*,
E vá 'té os *Remedios o Caes da Sagração!*»

.....

Corria branda a tarde; sorvendo o meu rapé
Eu fui, puz-me de cocoras da rampa lá no fim;
Ouvi cantar alguém... e um barco na maré
Singrava mansamente...

A voz dizia assim:

Dorme, que eu passo, desditoso *caes*,
Que ha muito estaes abandonado ahi...
Dorme! condemna-te o fatal governo
A somno eterno, que eu descanto aqui...

Dorme, eu descanto! A te chorar lamento
Do parlamento a mamadeira grossa!
Mas te consola, que a velhice alcanças,
Pois de esperanças já nem tens a móssa.

Já que não contas caminhar avante,
Perto ou distante da *legista grei*,
Hão de os lamentos te bater ás bordas
Caes que recordas... *sagração do rei!*

Quem te criou porque não leva ao termo,
Misero enfermo, já da vida ao fim?

Embasbacaste nesse paradeiro,
Tanto dinheiro e tu parado ? oh ! sim !

Obra que a falta da *fortuna* impede,
Que o povo pede com direito seu,
Flôr que a provincia com propicio vento
Mal no *Orçamento* a fez plantar—mórreu.

Ha treze lustros que ali estás assim
Sem ter um *fim*, p'ra t'arrancar do *meio*,
P'ra traz caminha, o carangueijo imita,
Que necessita o meu governo um . . . *freio*.

Peito, meu peito, porque bates tanto ?
P'ra que este pranto se não ha consôlo ?
Remeiro, é sina, vamos já embora,
Quem assim chora é um papalvo—um tôlo.

Dorme, que eu passo, desditoso caes,
Que ha muito estaes abandonado á vaza,
Dorme, esquecido pelo meu governo,
O somno eterno . . . que eu me vou á casa.

Foi-se a canôa . . . eu fumava .
Um bom charuto—*havaneiro*—,
A aragem trouxe-me um *cheiro*
Que desagrada ao nariz !
Ergui-me enthuziasmado,
Vi scintillar inda a esteira
Da canoinha veleira
E disse ao moleque:—Luiz,

Anda, dá sebo ás canellas,

Vê aonde encosta a prôa
 O patrão d'essa canôa,
 O patriota .. o cantor....
 Corre, traze-me o seu nome,
 A sua photographia,
 Traze-me aquella poesia,
 Traz'-me o proprio trovador.

Minha vida é muito triste,
 Já disse mais de uma vez....
 Morei ao pé das Mercês,
 D'onde via o *Dique* bem:
 Eu tinha bastante pena,
 Eu tinha pena de sobra
 De tão importante obra,
 Qu'está parada tambem !

Disse um dia: «Aquella ruina
 A curiosidade me excita;
 Vou fazer uma visita
 A'quelle importante aterro;
 Vou contemplar essas pedras,
 Sepulchro das mamadeiras,
 O fosso das ladroeciras,
 Deêde as Mercês ao Desterro.»

Fui: vi o pequeno mappa
 Do *Dique* e do *Caes* á tôa,
 Ai ! patria de João Lisbôa !
 Maranhão, de ti se manga !
 Que terra de comedores !
 Que paragem sem conforto !
 Aqui tudo está já morto,
 Mesmo o *fura* do *Bacanga* !

ESTADO DO MARANHÃO
 BIBLIOTECA PÚBLICA

Aqui,—vestígios das pedras
 Que ali estavam á granel,
Confiscadas do quartel;
 O Seminario ao fundão.
 Deste lado—o rio *Bacanga*,
 D'aquelle—nada, uns destroços,
 Ruínas, charcos e fossos,
 E defronte o *Tamancão* !

Confesso: quasi chorava
 Vendo morta e sem prestigio
 Obra de tanto prodigio,
 Agora feia e maldita;
 Tudo vago, tudo esteril,
 Já aquillo p'ra pouco presta,
 Acabou: já nada resta
 D'uma obra tão bonita !

E ainda fazem á esta terra
 Promettimentos profundos,
 Promettem mundos e fundos,
 Engasopam todos nós;
 Não creiam no que elles dizem,
 Pois esses *carros e trilhos*
 Nunca serão de meus filhos,
 Não foram de meus avós !

.....

'Stão ambos no mesmo caso:
Dique e Caes da Sagração,
 Nenhum delles tem um praso
 Para a sua conclusão....

Ai ! trovador maranhense,
 Não voltes, tenho receio
 Um homem chorando é feio
 Não voltes mais por favor
 Eu choro, porque é real,
 Eu choro porque não mentes,
 Por amor de teus parentes,
 Não voltes mais, trovador !

1869.

 SONETO.

(Allusão.)

Fui ha tempos á um *baile mascarado*,
 Vestido de arlequim—com masc'ra inteira,
 Temendo descobrir a tal melgueira
 Á sociedade em geral, pois sou casado

Passeiava nos salões de braço dado
 Á uma bella—*judia*—feiticeira,
 Bella—digo eu—pois a faceira
 Depois mostrou-me a cara e obrigado !

Convido-lhe á uma ceia. E ella acceita:
 —«Eu acceito hoje tudo o que me der !»
 Diz ella com a voz sempre contrafeita.

Doido por conhecer a minha *Esther*,
 Tirei, subtil, a mascara á tal sujeita,
 E eu reconheciminha mulher !

1871.

RECORDAÇÕES DO NAMORO.

À V. CANTANHEDE.

(Felicidade *in nomine*).

I.

Que descripção me fizeram
 Das bellezas do namore!
 Acho que foi desaforo...
 Que querem porem qu'eu faça?
 Eu fui á tantos *chinfrins*,
 Eu dobrei tantas esquinas,
 Olhei pr'a tantas meninas,
 Que foi mesmo... uma desgraça!

Comprei chapéu de *castor*,
 Botinas de polimento...
 Emfim, o meu orçamento
 Foi muito mais augmentado;
 Luvas brancas e de côr,
 Collarinhos á *Pinaud*,
 Bengalla... e nada faltou...
 Note bem: *tudo fiado!*

A minha primeira empreza
 Foi arriscada bastante;

A pequena era galante,
 Mas o pai—Deus nos accuda !
 Tem uma das pernas *curva*,
 A estatura *vertical*,
 Usa bengalla, e por mal
 Dos meus peccados *aguda*.

Valha-me o nome de Deus !
 Porque torturas passei
 Quando a vez-primeira entrei
 Da namorada na salla;
 Eu não me pude esconder,
 Não me valeram bahús...
 *Usava d'oculos azues*,
Robe de chambre e . . . bengalla !

O velho foi decisivo;
 Quiz pedir desculpa. Absurdo !
 Por desgraça elle era surdo,
 E a filha . . . correu pr'a dentro;
 Não podia recuar—
 Qual Lopes em Aquidaban;
 Nessa sarça era o *gallan*,
 E o *papá-vobis* o *centro* . . .

Quando a prima cacetada
 Me *fomentou* as costellas,
 Eu deitei sebo ás canellas,
 Escorreguei no *capacho*;
 Uma sahida d'aquellas
 Garanto que não constipa,
 Pois eu rollei sem ser pipa;
 Foi mesmo de cima á baixo.

II.

Ainda não emendado,
 Procurei outra conquista;
 Todo aquelle que se alista
 No rôl dos *conquista dores*,
 Não se emenda c'a primeira,
 Escarnece da segunda,
 E considera uma tunda
 Como dadiva de amores...

Portanto voltei as vistas
 Pr'a afilhada d'um barbeiro,
 Fulano de tal Ribeiro...
 (Pelo nome não se perde),
 Era um *ratão*,—palavrinha—,
 Andava por toda a parte
 Com um *rodaque* de zuarte
 E calças de panno verde.

O *Carlos Magno* e o *Bertholdo*
 Sabia-os ambos de cór ;
 Fôra um tal capitão-mór
 Que os emprestára, e o barbeiro
 Contava sempre aos freguezes
 A historia de Dom Sisnando,
 Do rei Pepino, tomando
 Tabaco *Páulo Cordeiro*.

Era a tenda do barbeiro
 Armada com muita graça;
 Um—*Napoleão*--de massa
 Sobre uma banca vetr'ana;

Nas paredes muitos quadros,
 N'um d'elles—Ignez de Castro,
 Que ali estava a fazer lastro
 Ao Gil Braz de Santilhana.

Dos pertences *barbeiraes*
 O principal calhamaço
 Era um espelho sem aço,
 Colocado sobre a banca;
 Pinceis, escovas e pentes,
 Baçias, sabão, toalhas,
 Sebo de Hollanda e navalhas
 Sobr'um'outra meza... *manca*.

O barbeiro havia comprado
 Um melhor espelho. Crêde.
 Pendurou-o na parede,
 Não quiz ouvir meu conselho:
 — «Ponha o espelho sobr' a banca
 Se não quer vel-o quebrado;
 O velho fez-se rogado
 E... era uma vez um espelho...

Então o outro sem aço
 Gosava aposentadoria,
 Mas voltou-lhe a regalia
 De *figurar uma lasca*;
 — «Venha p'ra cá, faz favor,
 Lhe diz o santissimo bruto,
 Não compro um substituto,
 Cá não sou *arróz de casca*.»

.....

Era a afilhada do homem
 De regular estatura,
 Não ápertava a cintura,
 Comtudo . . . Jesus me valha;
 Bem digna de melhor sorte,
 Trocaria e com razão
 O *sallão* pelo *sabão*,
 O *leque* pela *navalha* !

A menina trabalhava.
 Ajudando a barbear,
 E no continuó lidar
 Estava á um anno ou dez mezes;
 Fazia em casa a comida,
 Limpava, de balde, o espelho.
 Delicias fazia ao velho,
 Fazia a barba aos freguezes.

III.

Eu me havia declarado
 Por ella de amores doudo,
 Era um feliz namorado,
 Perdido estava de todo !
 Era a mulher que eu amava
 Quem os queixos me raspava
 Toda a hora, todo o dia;
 Que pincel e que navalha !
 Jesus ! como ella trabalha !
 Que mãosinha tão macia !

O velho, *desconfiado*
 Com miuha *má freguezia*.

Me disse um dia *enfado*:

— «Bata a outra *freguezia* . . .»

— «Porque?» perguntei-lhe então,

«Até hoje não *é fiado*

«Que me barbeio» — Pois não!

— «Tem havido pontualidade

«No pagamento». — «É verdade.

«Meu D. João, tem havido . . .

«Mas eu já *stou resolvido*

«E replicas não admitto!

«Você acha isto bonito?

«Barbear-se com o intuito

«De namorar! Está dito

«E confirmado. Se o vir

«Andar de ronda á esta porta,

«Eu vou-lhe os ossos partir!

«Palavra d'houra! o qu'importa

«Se fôr queixar-se a policia?

«Esta é boa! é desaforo!

«Barbear-se por . . . namoro,

«Barbear-se por . . . malicia;

«Um homem que faz das barbas

«O seu *pau de cabelleira*,

«Merece na costa albardas

«P'ra não cahir ness'asneira» . . .

E voltando-se á pequena

Agarrou-a n'uma orelha

E disse — «Sá Filomena,

«Por lhê ter morrido a velha

«Pensa não ter quem n'a olhe? . . .

«Esvasie essa bacia;

«Mas cuidado, não se molhe,

«Que teve febre outro dia».

RIE.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Retirei-me cabisbaixo
 Da tenda e fui rua abaixo,
 Sem saber o que fazia:
 Entrei tarde para casa,
 Encontrei uma carta, abri-a
 Ardendo como uma braza,
 O bilhete assim dizia:

«Meu bom amigo—Perdoa
 O que soffreste por mim.
 Às onze horas eu vou á
 Portinhola do jardim.
 Lá te espero, e nós então
 Fallaremos ao clarão
 Esplendido da lua amena.
 Sem ter tempo para mais,
 Sou aquella que gosto faz
 Em ser tua:—Filomena.»

Lá fui: encontrei-a já
 Encostada á portinhola;
 «Ai! meu amigo, vem cá....
 «Cuidado, levanta a golla....

 Como estava ella tão linda
 Com seu vermelho saiote,
 Embrulhada n'um capote
 Amarello massicote....

Que graça! que graça infinda!
 Como assentava tão bem
 Aquella touquinha azul!

ESTADO DO MARANHÃO

Oh ! typo fiel do Sul !

.....
 — «Boa noite, Filomena,
 «Recebi o teu bilhete,
 «E arriscar-me vim sem pena
 «Aos caprichos de um cacete !

«O que me queres tu, quando
 O teu padrinho reprova . . . »
 — «Socega . . . está resonando
 «Ha muito tempo n'alcova.—(!)

«Chamei-te para dizer-te
 «Uma cousa, meu amigo . . . »
 — «O que é ?» — «Comprometter-te
 A te casares commigo.—»

— «É impossivel, Filoca,
 «E se t'o digo—*impossivel*,—
 «P'ra não te pregar *taboca*,
 «Que não acho admissivel.

«É verdade que possues
 «Um par de olhos azues,
 «Que me enfeitça e me prende;
 «Mas não me caso, é um demonio !
 «E ás leis do matrimonio
 «Meu coração não se rende.»

Por unica breve resposta
 Ao meu dito a tal *muchacha*
 Cascou-me grande bolacha,
 Que valeria por vinte;

ESTADO DO MARANHÃO

Fugiu, fechando a cancella:
 Eu mandei-lhe no outro dia
 De mimo, uma poesia. . . .
 Reproduzo-a. É a seguinte:

IV.

Menina da touca azul,
 Dos olhos da mesma côr.
 Escuta do trovador
 Um triste harpejo. . . . sem sal;
 És bella assim, tão tristonha,
 Com essa bocca rosada,
 São lindos. . . . são de uma fada
 Esses labios de coral. . . .

Quando tu fallas, menina
 Parece que a fonte *pára*
 O murmurio, só *para*
 Ouvir as fallas mimosas;
 Quando tu cantas, oh! eu
 Só para ouvir o teu *canto*,
 Deito o trabalho pr'um *canto*. . . .
 Que doces notas! ditosas!

A natureza tambem
 Admira-te como eu:
 És como a lyra de Orpheo,
 Cuja doce melodia
 Atrahia a terra, a agoa. . . .
 Era um portento a rabeça!
 Era levado da bréca
 O Orpheo da mythologia!

Menina da touca azul,
 Se tu tocasses rabeca,
 Verias de *secca e mecca*
 Te virem beijar o arco;
 És uma imagem divina,
 O que tu és, minha santa,
 O trovador não decanta
 N'este canto rude e parco!

Quando tu dansas, parece
 Que nunca pisas no sollo,
 Neste ponto, nega Apollo
 Pequena comparação;
 Tu dansas como . . . que sei ?
 Se nunca páras, não cansas ?
 Ai ! dei nos vinte . . . tu dansas
 Ligeira como . . . um pião !

Quando barbeias, parece
 Que fazes festas á gente,
 É cousa bem differente;
 Ao barbeiar enfeitigas !
 Ai ! que gosto e que ventura !
 Á que nada bom igualha,
 Quando ella corre a navalha
 Decepando estás *suissas* !

Quando tu comes, parece
 Té mesmo que não mastigas,
 As outras mais raparigas
 Comem e bollem com o pescoco;
 Tu não: aquillo é tão rápido,
 Com tanta graça se some . . .

BIBLIOTHECA PÚBLICA
 do
 ESTADO DO MARANHÃO

Só parece que ella come
Se fôr *cousa de carôço!*

Quando tu espirras, parece
Que tu espirras: é certo,
Te fica o nariz coberto
De certa vermelhidão. . . .
Ao teu espirro, menina,
Eu tanta importancia ligo,
Que ao sahir, sempre te digo:
— «*Dominus tecum*» — pois não!

Quando tu coses parece
Me coses o coração,
Cada manejo de mão
Maltrata-me, sou teu escravo;
Que ligeiresa de dedos!
Que limpeza na costura!
Que graça! quanta candura!
Quando ella *passa um alinhavo!*

(Teus outros dotes, menina,
Quizera aqui decantar;
Tua cintura sem-par,
Que me poseram quebranto. . . .
Teus olhos da côr da touca,
Tua touca da côr dos olhos,
Mas metto a lyra em encolhos,
Não tenho tempo pr'a tanto.

— «*Noli me tangere*» — me diz
A lyra já tão cossada.
Não tomes por cassoadá

O que dizer-te aqui vim,
 Quando decanto uma moça,
 — «*Tolitur questio*» — o éstro morre...
 Ao *magnum lexicon* recorre
 Se não souberes latim !

V.

Amigo, charo leitor,
 Ficarás admirado
 Sabendo que me hei tornado
 De novo namorado,
 Apesar de excarmentado....!
 Felicidade inaudita !
 A minha ultima conquista
 Galante moça, bonita....
 Prometteu-me uma entrevista !

BIBLIOTECA PÚBLICA
 do
 ESTADO DO MARANHÃO

Era alta-noite e a lua dava em cheio
 Nas vidraças azues da casa della,
 Quando ouço eu abrir co'algum receio
 Uma das folhas verdes da janella.
 Então eu, febricitante, já no meio.
 Da rua, disse em amor nadando: É ella !
 Abrio-se toda a janella e um rosto feio
 No balcão se apresenta em vez da bella;
 Era—Felisberta—velha creada
 Onze lettras da nossa *tratantada* !
 — «Felisberta, que é feito de tu'ama ?....
 — «Vou chamal-a, senhor, como se chama ?

Santos Rodrigues

— «Ella sabe...» A creada se sumio...
 E eu a esperar com tanto frio!
 Depois de duas horas 'star d'empada,
 Ao primeiro sorrir da madrugada,
 Outra janella boceja, se abre e vejo
 Realizado meu plano e meu desejo...
 — «O que? 'stás cochilando, meu encanto?»
 — «Pois que queres, sinhá? esperci tanto?»
 — «Mas paciencia que eu vou buscar as cordas
 Pr'a que subas, meu anjo, se concordas...»
 — «Sé concordo? Ora essa! «E foi-se o *encanto*
 Me deixando esperar'inda outro tanto!...»

Mas eis emfim chegadas
 As cordas suspiradas
 De *felicidade* emblema;
 Sublime inspiração!
 N'aquella occasião!
 Faria eu um poema!

Eis que estão collocadas, vê se sobes...
 Eu antes de subir, reseí assi:
 Deus! livrai-me da ronda... *Ora pro nobis...*

E subi
 Com o coração na mão,
 Com a mão na corda;
 Felisberta, vae ver se o velho acorda!

Já estava, pois, em meio a minha empresa
 Quando sujo minhas mãos de cousa feia,
 Pelo cheiro que deitava da limpeza
 Conheci que a tal corda estava cheia
 De....

Desesperado então ólho pr'a cima
 Como quando preciso, a dura rima
 E pergunto quem é que me escarnece,
 Quando *cousa bojuda* inda mais feia,
 Uma bacia bem grande e muito cheia
Sobre nossas cabeças apparece! . . .
 E sobre o corpo meu toda *ella* entorna
 O liquido que continha: *era agua morna.*

A janella com estrondo então se feixa,
 Antes que ella ouvisse alguma queixa.

Com essa sciencia de Socrates me deixei
 Escorregar pela corda perfumada,
 Chegado fui á rua, eis encontrei
 A patrulha fiel da madrugada.

De prisão atróz, sombria,
 Estava então escravo,
 Ali, leitor, não havia
 Appellação nem agravo!

— «Está preso—sem mais bernardas!»
 — «Estou sujo—deve dizer—,
 Amiguinho, em calças pardas
 Acabo de me metter. . . »

E-contei-lhe então a historia da corda e do bacio,
 A patrulha o que fez? Seismou, sorrio,
 E, *tapando o nariz*, se despedio. . .

ESTADO DO MARANHÃO

Passado já muito tempo
 Deste ultimo *contra-tempo*,
 Palavra ! que andava assim
 Á modo que com *spleen* . . .
 Podéra não ! com tal vida !
 Nada ha que me aborreça,
 Que me transtorne a cabeça
 Como *não ter uma q'rida !*

Deveras, não é pomada
 Procurei uma *namorada*
 Como quem procura ouro,
 Não me custou, é verdade . . .
 Não teve difficuldade
 Para com os mais fazer côro . . .

Note bem: Já estava livre
 Do cheiro d'aquelle dia,
 Na operação fez concilio
 Em pezo a perfumaria . . .

.....

Era vespera de S. João
 Santo *purrio* e folgasão
 Como segundo não ha;
 Haviam muitas fogueiras
 «Na terra das bananeiras,»
Onde canta o sabiá . . .

Que noite alegre e festiva!
 Que folgança grande e viva
 A dessa noite... não é?...
 Um—já toca uma *pistolla*,
 Outro as canellas amolla,
 Seguido de um *buscapé*!

No largo festa e mais festa
 Todo o jornal o attesta
 Ao povo do Maranhão;
 Fogueiras: e é com essas
 Que faz-se um compadre ás pressas
 Em louvor de S. João!

Por exemplo, eu que o diga;
 Pois veio-me uma rapariga
 E disse:—«Quer ter comadre?...
 «Porque não?—e me agarrando,
 Disse não sei que, pulando...
 E hoje... sou seu compadre!

Desculpem agora este verso:
 Se com a comadre converso
 Em cousas mais mythologicas,
 Ella faz-me um *escarcéo*,
 —«Você não entra no céu.»—
 E... estas comadres são logicas.

Mas deixemos a comadre,
 E em cousa que mais nos quadre
 Continue a prelecção:
 Um convite recebi

ESTADO DO MARANHÃO
 BIBLIOTECA PÚBLICA

Para ir dansar . . . ali
 Na véspera de S. João . . .

.....

Cheguei . . . depois da orchestra:

— «Quer ser o meu par p'ra esta?» —

Perguntei á uma morena;

— «Sim senhor» —, sem embaraço

Disse; dei-lhe o meu braço,

Travou conversa a pequena:

— «Que calor que está fazendo.» —

Disse ella, não sabendo

O que havia de dizer;

— «Sim, senhora, estou suando» —

Lhe disse eu, procurando

O que havia responder.

Conversámos sobre a guerra

De Paris, que o mundo aterra,

E sobre a febre amarella;

Houve depois mutação,

Versando a conversação

Sobre a ultima Zarzuella.

Phrase vae e phrasè vem,

Veio ella, pois, cahir bem

No assumpto qu'eu desejava;

Conquistei-a, é o que eu queria,

Trabalhei, e convenci-a,

Leitor, que a idolatrava . . .

Que declaração ! só se visses
 Bom leitor, quantas tolices
 Em tres ou quatro orações;
 Vou te fallar francamente:
 Não se encontra em toda a gente
 D'aquellas declarações !

— «Minha senhora, seus olhos;
 «Me ferindo como abrolhos,
 «Rasgaram meu coração;
 «Não ha outro que palpite
 «Mais fortemente . . . acredite:
 «Não é namoro é paixão !»

«Me diga se a sympathia
 «De que lhe fallo, faria
 «Echo leal no seu peito,
 «Se não fôr correspondido,
 «Atiro-me—'stá decidido
 «Á maré, bem ? . . . dito e feito.»

— «Oh ! não tome esse partido,»
 Quero poupar um suicid'o.—
 Disse *ella* com ironia;
 E correndo—co'a cara á banda,
 Deixou-me só na varanda,
Onde bebidas havia.

.....

~
 Toca a orchestra uma walsa,

E a minha bella realça
 De belleza—já na salla—;
 Corri á ella, dansei,
 Rolei até que cansei,
 Não deixando de apertal-a . . .

Este *apertal-a* . . . que dizes,
 Meu leitor, são bem felizes
 Os que assim fazem . . . pois não ?
 Pois eu . . . eu penso o contrario,
 É muito extraordinario
 Esse abuso . . . de salão.
 É preciso dansar *walsa*,
 Pr'a se saber quanto é falsa
 Ás vezes—a virgindade;
 É preciso um apertão,
 Um beijinho, um beliscão,
 Pr'a conhecer-se a verdade !

Apezar da veia critica,
 Conheci ser *impolitica*,
 Não haver retribuição;
 Quando *ella beliscava*,
 Um *apertão* logo dava,
 Era *pena de Talião* !

.....

Nunca em dias desta vida,
 Eu namorei tanto assim,
 Será jámais esquecida
 A noite do tal *chimfrim*;
 Até que por fim cansado,

Eu fui sentar-me isolado,
 Á transcrever na parede
 Um burlesco pensamento...
 Inspiração de momento...
 Os versos são estes: Vêde:

VIII.

Que noite de delicias se gosa n'um sarão !
 Tão bom divertimento não tem nada de mau !
 A schotz, a mazureha, lanceiros, contradansa;
 A polka que não morre, a walsa que não cansa;
 O entorpecimento por fim, poesia por remate,
 E por conforto o chá, podins e chocolate;
 De vez em quando um *copo* que anima e que electrisa;
 De frio suor banhada a roupa té a camisa;
 As velas quasi gastas, o corpo enfraquecido,
 Já sujas de poeira as calças ou o vestido;
 Aquelle todo emfim, aquella languidez,
 Que eu sinto, meu leitor, um dia em cada mez...
 Parece que dá vida, parece que conforta,
 D'um baile a phantasia do amor nos abre a porta.

.....
 Um baile muita vez do coração é a chave...

Mas ah ! que chave branda ! que fechoadura suave !
 O *range-range* da seda em um corpo feminino,
 Se um homem é *velho* já, o faz ficar *menino* !
 O—«*Acceito o seu amor*—de uns labios bem mimosos,
 Atira uma *creança* á lista dos *idosos* !
 Emfim, eu amo muito um baile... ora ! pois não !
 Se sou rapaz ainda ! se n'este coração
 Se agita voraz chamma, se nelle ha uma vertigem,
 Que só curada fica dansando co'uma virgem !...

Uma virgem ! . . . licença para um aparte;
 Pois disso não s'encontra em toda a parte;
 Ha muita e muita virgem que ama torta,
 E deixa a virgindade atraz da porta
 Quando entra d'um baile no salão,
 Onde aperta de mais á muita mão . . .

.....
 No tempo dos defuntos meus avós,
 Estes falsos costumes d'entre nós,

Apezar dos pezares

Não eram tão vulgares;

Por exemplo:

Hoje as moças preferem o baile ao templo ! . . .

.....
 N'isto fui interrompido
 Na minha composição
 Pela cauda de um vestido,
 Que eu vi—varrendo o chão;—
 O estampido de um beijo ! . . .
 Levanto a vista . . . o que vejo ? . . .
 A minha bella *Marcá*
 Que recebera na face
 O beijo de um *Lovelace*,
 D'um *garçon comm'il faut* ? . . .

IX

Palavra ! tive ciumes . . .
 Logo ao' chapeo deitei mão,
 E abandonei os perfumes
 Daquelle airoso salão . . .
 Deitei-me muito enfesado,

Dizendo á ella—«Obrigado!»—

Á elle—«Vá pentear mono...»—

21 { A mim' proprio—«Grande brutò!»—
E apagando meu charuto,
Deveras peguei no somno...

.....

Foi o sol que me acordou !
A minha pessoa farta
De dormir, se levantou
E deparou com uma carta...
Er'ella d'um tal *Cascaes*,
«Não conheço este rapaz»,
Disse commigo e abri-a;
Vou tal e qual copial-a,
Ipsis verbis mostral-a,
Emendando a ortographia:

«Amigo bandalho e vandalo,
Eu venho aqui prevenil-o:
Se continúa esse escandalo,
Acabo por *consumil-o* (!)
Hontem você namorou
Minha noiva... se não vou
Agora mesmo esmurar-lhe
As ventas, é porque quero
Meu character nobre e austero,
Á pouco e pouco mostrar-lhe.

Se você arrastrá a aza
A minha noiva... fiel, (!)
Garanto-lhe: vou para a casa

BIBLIOTECA PUBLICA

do
ESTADO DO MARANHÃO

Onde não pago aluguel...
 «Quem me avisa é meu amigo» —,
 Este ditado é antigo...
 Sem assumpto para mais,
 Sou seu amigo obrigado,
 Venerador e creado:
Cornelio Telles Cascaes.»

Já nem me lembrava eu
 Que havia sido o Romeo
 Daquella terna Julieta,
 Como isto and'erradamente,
 Venha o noivo... e *qu'expr'imente*,
 Venha o amante... e *que se metta!*

Depois de lavar a cara,
 Satisfações—couza rara—
 Dei-lh'as eu, dizendo a causa
 Do meu derriço com ella...

.....
 Com essa *conquistadella*
 Meus amores fazem pausa.

X

Não riam-se das aventuras,
 Pois hoj'em dia o namoro,
 Sem mais deencia ou decoro,
 Abunda nesta cidade;
 Em cada canto um *derriço*,
 Uma fabrica de *tijollos*,

Mil namorados, mil tolos,
Mil palpavos... é verdade !

Está mais generalizado
Do que a musica d' *Offembach*,
É melhor do que o *cognac*,
É o consumo, em mór escalla;
Qual é hoje essa pequena
Que saiba o qu' é — *Belle Helène* —,
Que não faça *kerosene*
Na rua... mesmo na salla ?...

Vejo ahi tanta menina,
Que ainda de saia curta,
A taça d'amor empina,
E muita beijoca furta...
Depois a menina cresce
Namoro á *ufa* apparece,
O pudor desaparece
Se desfolhando qual murta...

Na alta aristocracia
Tambem se vêem taes asneiras,
Hoje as mais namoradeiras
Não são das — que comem *buxo*...
Onde ha *chalys*, onde ha *sedas*,
Um leque que *cheira a sandalo*,
É muito maior o escandalo,
Á este procura o luxo !

Não ha moça má ou boa
Que não esteja sempr' em dia
Com o amigo *Queiroz Ennes*;

Sam's Boadigas

Seja embora a mais leôa,
 Essa é que sempre s'espicha,
 Pois certamente capricha
 Pr'a ser dos salões a *Phenix* !

.....

XI

Mas não é só no namoro
 Que o escandalo aparece,
 E dizer-vos não carece
 Onde o demo tem ingrasso;
 Na policia, na politica,
 Nas obras publicas emfim,
 N'aquilo que—sem ter fim—,
 Comtudo cheira a . . . *progresso* !
 1871.

 O DEUS DE AMOR,

O Deus de amor não conhece impossivel,
 Tudo d'elle se deve esperar:
 Eu li isto na — «Corda sensivel» —
 Ao autor mil razões venho dar.

Vi eu hontem cazar-se um labrego
 Com uma moça que *falla francez*,

Elle feio, chapado e... gallego,
Que casorio tão bello que fez!

D. Angelica de Souza é uma moça
Que traduz o ideal de um poeta,
Apezar de educada na roça,
Passa bem qualquer uma indirecta.

Certo dia o feliz candidato
Se apresenta na casa do pai,
Escovados os *butes* e o fato,
Pede a filha ao velhinho... e elle cae...

E o labrego feliz apezar
De não ter esta vida no ocio,
Não soub'inda dinheiro ajuntar,
Não lhe ha favorecido o negocio...!

Elle é feio, bem pobre... e simplorio,
Ella é rica, bonita... e peixão:
Faz favor de dizer se o casorio
Foi interessado, leitores? pois não!

O Deus de amor não conhece impossivel,
Tudo d'elle se deve esperar:
Eu li isto na — «Corda sensivel» —
E é certo... não ha que teimar...

Até eu... namorava uma bella,
Um peixão na *extensão da palavra*,
Se eu passava batia á janella,
— «Não namoro dondons dessa lavra».

Trabalhei, meu leitor, trabalhei
 Pr'a não dar o meu braço a torcer,
 Não lhe conto mais nada... o qu'eu sei
 É qu'ell'hoje por mim quer morrer !

E as moças bonitas que ligam
 Importancia ao orgulho, por ver
 O estado das couzas não digam;
 «Deste pão nunca hei de comer...»

O Deus de amor não conhece impossivel,
 É menino cruel, mal creado:
 Eu li isso na—«Corda sensivel» —,
 Mil razões ao autor tenho dado.
 1869.

CIUMES.

(INSPIRAÇÃO DE ARRAIAL.)

Meu Deus ! será crível, minina, o José,
 Terá mais ventura ? será mais feliz ? !
 Responda, senhora, se é ou não é;
 Responda depressa... mas veja o que diz !

Amar-vos um anno... um anno ind'é mais !
 Amar-vos um anno, tres mezes e tanto !...
 Qual é a recompensa mimosa que daes ?
 Não lês os meus versos que fallam de pranto ?

Gastar meu dinheiro em fraks e botas,
 E carros, cavallos e aguas cheirosas,
 Imberbe, alistar-me no ról dos janotas,
 Fazer frioleiras e *cousas ou rosas* !

Com as musas bregeiras brigar toda a hora,
 Mostrar-me romantico, comer pouco até,
 Dizer toda a noite—Como ella m'adora !
 E agora—de chofre—mostrar-se um José ! . . .

Fatal mutação, no lindo horisonte
 A estrella avarenta, sumio-se, turvou-se,
 Mudado está tudo . . . não sei o que lhe conte,
 Cupido traquinas ferrou-m'um tal couce . . .

.....

Se almoço, meu anjo, a vóz do rival
 Parece da entranha sahir d'algum bife,
 Agarro a comida a lanço ao quintal,
 Velhaco, dizendo, maroto, patife . . .

Se bebo parece . . . parece mas . . . safa !
 Parece mentira, mas é realidade;
 No fundo da negra, bojuda garrafa
 A imagem do homem ! diabo . . . é verdade !

Se durmo—não sonho, menina, contigo:
 Outr'ora sonhava, nos tempos d'então;
 Eu sonho com elle, com o tal meu amigo
 Armado no cinto, na perna e na mão !

Se como, se durmo, se bebo, se acordo,

O homem commigo . . . não sei que lhe faça . . .
 Um dia mais magro . . . um' hora mais gordo . . .
 A me fusilar . . . que tal chama a graça ?

Menina, despeça o moço á quem ama,
 Desame o individuo feliz por quem é . . .
 A noite passada passei-a na cama,
 E dou uma facada no peito . . . do pé !

1869.

ESTADO DO MARANHÃO

SONETO.

NO ALBUM DE A. QUEIROZ.

Para o album me pedes um soneto,
 E de balde um soneto fazer tento,
 Mil voltas tenho dado ao pensamento,
 De balde no tinteiro a penna metto.

Quisera obra fazer d'alto espavento,
 Mas nada prometti-te e não prometto . . .
 Embora vendo mais este quarteto
 Da forja ter sahido á salvamento.

Ás telhas o desfeche é que eu pergunto;
 Acredita, Queiroz, o que te conto:
 Ainda falta tudo . . . falta o assumpto !

De tanto batalhar já meio tonto,
 Eu digo ao Senhor Estro: Falta muito;
 Mas não falta o soneto . . . eil-o já prompto !
 1871.

CONFISSÃO DE UM GAIATO. .

(ANEDOCTA PORTUGUEZA.)

Um gaiato de Lisboa
 Pela quaresma atrasada,
 Por ordem da namorada
 Confessar-se foi na Sé;
 Ajoelhou-se e chamou
 Um reverendo vigário,
 Homem já septuagenario,
 Consumidor de rapé. . . .

Assoou-se o bom vigário,
 E sobre o confessorario
 Depoz a caixa de prata;
 Mas prata fina, lavrada,
 Obra bôa, bem acabada,
 Não devia ser barata. . . .

O velho padre coxila,
 O tal gaiato vacilla,
 Mas, por fim, bolço com ella;
 Chegaram aos mandamentos
 Da lei de Deus e os portentos .

Do gaiato, que a baixela
Tinha segura, a mostrarem-se
Estavam ali por momentos.

«O setimo não furtarás:

Já furtaste alguma vez?—

—«Sim, senhor vigario, mas...

Ainda foi n'este mez!»—

—«O que foi?!...

—«Uma tabaqueira

De prata»—

«Meu Deus! qu'asneira!

Vá entregal-a ao seu dono;

Assim perdôo, é ao contrario

Perdoar não tenciono...»—

—«Diga-me cá; sôr vigario,

Quer recebel-a?»—

—«Ora esta!

Que alma tão deshonesta!

Não quero! vá entregal-a

Á quem n'a roubou, rapaz:...!»

—«Senhor vigario, o ir dal-a,

E' o que eu pretendia, mas...»

—«Mas o que?...»—

—«O dono não

Quiz recebel-a»—

—«Então,

Para ti fica com ella,

Sem cargo de consciencia.»—

.....
Deitou bom sebo á canella

O gaiato, e a reverencia

De oculos e cabeça baixa
 Cheio de fé e paciencia
 Ficou... procurando a caixa!

1869.

BIBLIOTECA PÚBLICA

ESTADO DO PARANÁ
A PORTA DA BOTICA.

SCENA DA EPOCHA.

PERSONAGENS.

Aniceto—*typo da actualidade*.—Diogo—Oliveira—Um rapaz
 de 12 annos—Passeiantes.

A scena passa-se.....

(Vista de rua escura. Á direita uma botica, á porta da qual vêm-se algumas cadeiras.)

SCENA UNICA.

ANICETO, depois todos (*por seu turno*.)

ANICETO.

(*Velho jarreta, entra fumando o seu charuto e observando as cadeiras.*)

E esta ! ainda ninguem !

(Vê o relógio).

Pois já lá vão sete e meia !

E os meus collegas não vêm
 Pr'a fallar da vida alheia !
 Já as cadeiras estão
 No seu lugar competente. . . .

(*Senta-se.*)

Como corre a viração
 Às portas d'uma botica !
 Se o juízo me não mente,
 Quem está doente, bom fica,
 Fica bom quem 'stá doente. . . .
 Temos bem que dar á lingoa
Aujour d'hui, meus collegas,
 Esta gentinha anda á mingoa
 De meia duzia d'esfregas. . .
 Isto de andar á fallar
 Da vida do semelhante,
 É gosto bem singular,
 Mas não será d'ora avante:
 É uma necessidade
 Pr'a dar que fallar ao povo,
 Mentira seja ou verdade,
 Só se quer—*assumpto novo*—!

(*Levanta-se.*)

Os Srs. já advinham
 O que lhes conto ? per Cristo !
 Ora, senhores, não tinham
 Mais do que olhar pra isto:

(*Indica.*)

Esta casa é uma botica,
 Que vende sempre á quem passa:
 Pastilhas de mel d'*angica*
 Cataplasmas de linhaça. . .
 O lugar é solitario.

Nem mesmo tem lampião...

(*Confidencialmente*).

Cuidado com o boticario

Que não passa d'um... *boticario*

E o seu caixeiro, o Sr. Mario,

Maluco como o patrão !...

Eu não fallo da vida alheia,

Isto é só fazer idéa...

(*Mostra as cadeiras.*)

Nas cadeiras que aqui 'stão

Com muita constancia tem,

Ás noites uma reunião,

Um dia sim, outro tambem...

Aqui se falla de tudo,

Tudo aqui contado é;

Soffrendo o pae do cascudo,

Soffre o avô do jacaré...

Se um sujeitinho lá bifa

Ao patrão certa quantia,

Se aquelle faz uma *rifa*,

Se um outro não anda em dia,

Se um quebra, foge aos credores,

Se outro *ajunta* depressa,

Se aquelle já tem amores,

Mal o avô torto começa,

Hade ser analysado

Na porta do boticario:

O pobre, o remediado,

O economico e'o perdulario !

Eu não fallo da vida alheia,

Isto é só fazer idéa !

Fallamos todas ás noites

No que é e no que sôra,

BIBLIOTHECA PUBLICA

26.

MUNICIPIO DO MARANHÃO

Todos aqui chucham açoites,
 Em todos metto a *thesoura* !
 E no que dér o cavaco,
 N'elle mais se mette faca,
 Hade levár pr'o tabaco,
 Hei de cortar na casaca !
Eu não fallo, etc.

(*Entra Diogo.*)

DIOGO.

(*Com um charuto apagado.*)

Seu Aniceto, dá-me o seu fogo ?

ANICETO.

Porque não, Sr. Diogo ? . . .

(*Diogo depois de accender o charuto, restitue o de Aniceto sem agradecer-lhe e sahe. Pausa.*)

ANICETO (*só.*)

É impolitico o Sr. Diogo !
 Impolitico . . . malcreado !
 Eu servi-lhe com o meu fogo,
 E me não disse—*obrigado* ? . . .
 Este sujeito é um tratante,
 Cautella, muita cautella,
 Falla dos outros bastante,
 E furta sem mais aquella !
 Ainda não ha trez dias
 Queixou-se um negociante
 Que vendeu mercadorias

BIBLIOTECA PÚBLICA
 ESTABO DO MANTIMENTO
 20

A elle, qu'è um bom tratante !
 Ouvi dizer n'uma venda
 Que pedio á uma *loureira*
 O anel—Deus me defenda—
 Pr'a pagar a lavadeira:

Eu não fallo etc.

(*Passa pelo fundo um passeiante.*)

Viram aquelle sujeito ? . . .
 Cuidado, muito cuidado,
Diz que pr'a cousa tem geito,
 É um tratante refinado,
 Ou refinado tratante,
 Eu cá não faço questão
 De vogal ou consoante,
 De ser cachorro ou ser cão,
 De ser tratante ou ladrão !
 Me disseram qu'outro dia
 A firma imitou do Souza,
 Com uma tal maestria
 Que ninguem deu pela cousa !
 E qu'anda co'uma donzella
 Em um constante derrigo,
 Subindo pela janella
 Sem que ninguem dê por isso !
 Enfim estou capacitado
 Qu'è um tratante de mão cheia;
 Mas olhem este seu creado
 Não *falla da vida alheia,*
Isto é só fazer ideia !

(*Passa outro typo:*)

Aquelle é tio do homem
 Que ha pouco pedio-m'o fogo,
 Dizem que os cobres lhes somem
 Sempre na banca do jogo;

Santos Rodrigues

Mulher e filhos não comem:
 A panella está no fogo,
 Ou—está no fogo a panella,
 Sem nada ter dentro della!
 A filha já tem morgados,
 E o pai inda a tem por *casta*:
 —O velho é maluco, e basta!—
 (Entre parenthesis—Não gosto
 Da historia do tal tijollo,
 Por causa delle eu aposto:
 Se perde muito *miolo*—!
 Mão pensem agora os senhores,
 Que apesar da circumstancia,
 Não tenho tambem amores
 Com a Sr.^a D. Amancia!—)
 Mas voltemos á questão,
 Hia dar uma opinião:
 Enquanto o velho se abrasa,
 Nò *voltarete* se pega,
 A menina fica em casa,
 Pr'a jogar a *cabra cega*!
Eu não fallo, etc.

(Passa o rapaz de 12 annos largando gordas fumaças de um
charuto.)

Olhem pr'aquelle fedelho
 Como gosta da fumaça!
 De certo toma um conselho
 Como ahi qualquer chalaça!
 Parece filho do Neves,
 Nada ha que mais pareça...
 O Neves Ramos? que deve
 Os cabellos da cabeça?

(Aponta para um sobrado:)

Olhem: n'esta casa moram

Tres ou quatro sujeitinhos;
 O primeiro sei que namora
 Uma viuva e já agora
Etætera e tal . . . pontinhos . . .
 Mas como tem bons cobrinhos,
 Como essa viuva é rica,
 Não s'importa co'os visinhos.
 Nem com a porta da botica !
 O segundo é um soldado:
 O terceiro é um agiota,
 Que apesar d'haver quebrado,
 Não deixa d'andar janota !
 O quarto não sei quem é;
 Mas eu me hei d'informar,
 (Issò é mais velho que a Sé),
 Pr'a vir delle aqui fallar !
 Sei que se chama Fernando,
 E trabalha . . . vadiando;
 Se lhe pergunto a razão
 Porque sempr'anda na pandega,
 Responde: Que admiração !
 Seu empregado n'Alfandega !

Eu não fallo, etc

Mora naquelle sobrado
 Uma moça que fabrica
 Tijollo côm o namorado;
 E e pai não se certifica,
 Nem pergunta á D. Annica
 O que aquillo significa,
 Quem é aquelle rapaz,
 Não teme a lingua dos mais,
 Nem a . . . porta da botica !

Eu não fallo, etc.

No outro—pegado—mora

Um medico muito excellente,
 Da carreira inda n'aurora,
 Já tem morto muita gente !
 Dizem que a cura prolonga
 Co'algumas drogas fataes,
 Para a molestia ser longa,
 E os cobres renderem mais !
 Tem no convento um irmão
 De aventuras muito farto,
 Roubou a filha ao patrão,
 Abandonou-a n'um quarto !

(Commovido:)

Coitada ! morreo de parto !

Eu não fallo, etc.

(Aparece Oliveira vestido para baile. Ao passar pelo fundo, cahe-lhe alguma cousa e abaixa-se para apanhal-a.)

Quem é aquelle sujeito

Que abaixou-se na rua ? . . .

Inda não o vi bem de geito,

E agora . . . escondeu-se a lua !

(Vae para junto de Oliveira e sem que elle dê por isso, corta-lhe a aba da casaca com uma thesoura.)

OLIVEIRA *(comsigo)*

E esta ! perdi um botão . . .

Quem achar, seja feliz . . .

Escapolio-me da mão . . .

ANICETO *(á parte)*

Eu não ouço o qu'elle diz.

OLIVEIRA *(comsigo)*

Tambem o que pode valer ?

Custa só meia pataca

O que acabo de perder ! (*sahe*)

ANICETO (*á parte*)

Já lhe cortei na cazaca !

(*Desce a scena com a aba na mão.*)

Este sujeito é o Oliveira,

Ignoro o comportamento . . .

Vejam os se n'algibeira

Tomo algum apontamento !

(*Tira um lenço de algibeira da aba.*)

Um lenço fino d'Irlanda;

Não está ainda pago. Uma aposta.

A marca está d'outra banda . . .

Vejam os: *José da Costa* !

Um lenço do *Zé da Costa*

N'algibeira d'Oliveira !

Ah ! já vejo que elle gosta

Como eu da ladroeira !

Oh ! descaramento immenso ! . . .

Que acção negra e medonha !

Roubar . . . roubar um lenço !

E' muito pouca vergonha !

Conto hoje na botica

O miseravel attentado,

Amanhã o povo fica

Sciente—

(*Tirando dez tostões da algibeira da aba.*)

Muito obrigado !

(*Remechendo.*)

Ah ! inda um papel se pilha !

Vejam os o que elle diz !

(*Vendo.*)

Subscriptado a minha filha !

(Lendo:)

«Joanna, sou mui infeliz
 «Com o nosso amor puro e santo,
 «Te espero amanhã no canto
 «Daremos uma fugida:
 «Joanninha, minha vida,
 «Meu cherubim, meu amor,
 «Nem mais aqui voltaremos,
 «Teu pai esquecer devemos,
 «Não passa de um fallador !
 «Manda dizer . . . por escripto,
 «Se o pequeno, que nasceu,
 «Está feio ou está bonito,
 «Está vivo ou já morreu !»

(Desespero.)

Minha filha ter um filho !
 Minha filha deshonrada ! . . .
 Ai, meus amigos, se o pilho . . .
 Não me faltava mais nada !
 Em vez de estar a vigial-a,
 Pois não tem nada de feia,
 Eu vinha cá p'ra senzalla,
 Fallar mal da vida alheia !
 Vou abandonal-a ! um capricho:
 Estas cousas não consomem . . .
 Porque um gato é um bicho,
 E um homem foi sempr'um homem !

(Sahindo arrebatadamente.)

Vou casal-os, vou casal-os . . .

(Cafe o panno.)

Santos Rodrigues

BIBLIOTECA PÚBLICA
 FIM.

ERRATTA.

Apezar da nossa vigilancia, não nos foi possível apresentar esta obra isenta de erros.

Alem de outros, cuja enumeração torna-se desnecessaria, encontrámos os seguintes, dos quaes damos as competentes emendas:

Pag.	Linhas.	Erros.	Emendas.
2	25	destimida	destinada
8.	6	te galanteie	galanteie
13	20	Convido-lhe	Convido-a
34	2	ama torta	anda torta
37	19	Não ha moça má ou boa	Não ha moça má ou bôa N'alta aristrocácia, etc.
41	2	E carro	Em carros
42	3	Chama	Acham

Rogamos que nos sejam relevadas essas faltas, assim como o espaço do tempo que se gastou com a presente publicação.

Maranhão, 15 de janeiro de 1872.

A. A.

INDICE.

	Pag.
AO LEITOR.....	1
CARTA DE V. C.....	III
Á MINHA MÃE.....	7
LAMENTAÇÕES—parodia Á JUDIA.....	8
SONETO—allusão.....	13
RECORDAÇÕES DO NAMORO:	
I.....	14
II.....	16
III.....	18
IV.....	22
V.....	25
VI.....	28
VII.....	31
VIII.....	33
IX.....	34
X.....	36
XI.....	38
O DEUS DE AMOR.....	•
CIUMES.....	40
SONETO—no album de A. Queiroz.....	42
CONFISSÃO DE UM GAIATO.....	43
Á PORTA DA BOTICA.....	44

